UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE MEDICINA SOCIAL

30 ANOS DE UM DEBATE: FOUCAULT, DERRIDA E A *HISTÓRIA DA LOUCURA*

ANDRÉ DE FARIA PEREIRA NETO
JULHO/1994

Nº 95

Diretor: José C. Noronha
Conselho Editorial: Cid M. de Mello Vianna (Coordenador)
Michael Reichenheim
Joel Birman
Eduardo Levcovitz
Revisão feita por Clara Recht Diament.
Secretária/Diagramação: Regina M. Anguiano Marchese
Nota: A série "Estudos em Saúde Coletiva" é uma publicação de textos para discussão do Instituto de Medicina Social - IMS, de exclusiva responsabilidade do(s) autor(es).

Ficha elaborada pela Biblioteca
do Instittuto de Medicina Social - UERJ

P 436 PEREIRA NETO, André de Faria. 30 anos de um debate: Foucault, Derrida e a história da loucura. Rio de Janeiro: UERJ/IMS, 1994. 16 p. (Série Estudos em Saúde Coletiva, n. 95).

PSIQUIATRIA - HISTÓRIA
DOENÇAS MENTAIS

Impressão e acabamento final: Gráfica da UERJ.

30 ANOS DE UM DEBATE: FOUCAULT, DERRIDA E A *HISTÓRIA DA LOUCURA*[*]

ANDRÉ DE FARIA PEREIRA NETO[**]

INTRODUÇÃO

Em fevereiro de 1960 Michel Foucault escreveu, em Hamburgo, o prefácio de sua obra *História da Loucura*, publicada no mesmo ano em Paris. Três anos depois, Jacques Derrida proferiu, no Colégio Filosófico, a *conferência Cogito e a História da Loucura*. Nesta oportunidade, Derrida critica a obra de Foucault, particularmente seu prefácio.

Derrida inicia seu pronunciamento qualificando o livro de Foucault de "admirável sob tantos pontos de vista" e "poderoso em seu fôlego e em seu estilo". Por ter sido aluno de Foucault, Derrida diz guardar uma "consciência de discipulo admirativo e reconhecido". Por esta razão, se sente intimidado neste "diálogo", que "corre o risco de ser entendido como uma contestação". Discorre longamente sobre as dificuldades inerentes à relação entre discípulo e mestre para concluir afirmando: "É preciso, portanto, quebrar o gelo, ou melhor, o espelho, a reflexão, a especulação infinita do discípulo sobre o mestre. E começar a falar."

[*] Agradeço ao Prof. André R. Rios (IMS/UERJ) pela sugestão deste trabalho para a conclusão de seu curso "Fundamentos do Conhecimento da Vida".
[**] Doutorando do Instituto de Medicina Social da UERJ; Pesquisador da Casa de Oswaldo Cruz-FIOCRUZ.

Com a publicação da segunda edição francesa (1976) da *História da Loucura*, Foucault retira o prefácio da primeira versão e responde, no apêndice "Meu corpo, este papel, este fogo", às críticas feitas por Derrida em 1963.

Além de acompanhar esta polêmica, temos a intenção de especular as razões que levaram Foucault a tomar esta iniciativa, a instaurar este silêncio.

No nosso entender, três questões polarizaram as críticas de Derrida à obra de Foucault: a periodização adotada para a elaboração de *uma História da Loucura*, a metodologia proposta e a maneira pela qual Foucault interpreta a primeira das "meditações" de Descartes.

Derrida se refere longamente a uma passagem presente no texto *da História da Loucura*. Segundo ele, Foucault, apoiando-se em uma interpretação da primeira das "meditações" de Descartes, afirma que a loucura, a extravagância, a demência e a insanidade teriam sido alijadas, excluídas, banidas, postas fora do círculo da dignidade filosófica. Para Derrida, esta "proposta compromete, em sua problemática, a totalidade desta *História da Loucura*.

Como a questão da interpretação dada por Foucault a um trecho das "meditações" de Descartes não foi tratada no prefácio da primeira edição preferimos não a abordar. Entendemos que sua análise não nos ajudaria a responder a preocupação que motivou a realização deste trabalho: Por que razão Foucault retirou da segunda edição o prefácio da primeira versão da *História da Loucura*?

Para satisfazer tal objetivo, pretendemos analisar os dois pontos que Foucault introduz no prefácio da primeira edição e que foram alvo de crítica de Derrida: a periodização para a *História da Loucura* e a proposta metodológica para sua realização.

Hoje em dia, trinta anos depois de sua primeira edição, a *História da Loucura* se transformou em uma obra de referência na área da filosofia, história, psicologia e saúde coletiva. Já foi traduzida para diversos idiomas, inclusive o português. Todas estas edições saíram amputadas. Faltavam-lhes este prefácio e este debate.

A PERIODIZAÇÃO DA *HISTÓRIA DA LOUCURA*

No prefácio da primeira edição, Foucault defende a idéia de que a *História da Loucura* tem um significativo marco cronológico: o final do século XVIII. No seu entender, este momento assinala uma alteração profunda na postura do homem em relação à loucura. Ele justifica esta afirmativa resgatando a maneira pela qual o homem se relacionava com a loucura desde a Antigüidade Clássica até o século XVIII, quando teria ocorrido esta mudança qualitativa.

Na Idade Clássica, por exemplo, a relação com a loucura não era somente de condenação, "mesmo se seu discurso nos é transmitido já envolto na dialética tranqüilizadora de Sócrates".

Na Idade Média, o homem relacionava-se com alguma coisa que nomeava confusamente de Loucura, Demência, Desrazão. No seu entender, loucura e razão não estavam ainda separadas. Não havia um vazio entre elas. Loucura e não-loucura, razão e não-razão estavam confusamente implicadas.

Da Idade Média até o Renascimento, "o debate do homem com a demência era um debate dramático que o afrontava com as forças surdas do mundo".

Durante a Época Moderna, o renascimento científico associado à filantropia buscou progressivamente cercar a loucura com sua "verdade positiva". Esta

tendência se deu dentro da ordem absolutista. Assim ocorreu a passagem da experiência medieval da loucura para a atual, que a confina na doença mental.

Com a Revolução Industrial, a experiência da "loucura se cala na calma de um saber, que por conhecê-la demais esquece-a": a psiquiatria.

O homem contemporâneo deixou de se comunicar com o louco. Esta comunicação foi delegada ao psiquiatra. Por um lado, ele passou a estabelecer esta relação "através da universalidade abstrata da doença". Por outro, "o homem da loucura só pode se comunicar com o outro por intermédio de uma razão igualmente abstrata".

A linguagem comum que havia deixou de existir. Todas as "palavras imperfeitas, sem sintaxe fixa, um pouco balbuciantes, foram enterradas no esquecimento. (...) A linguagem da psiquiatria, que é o monólogo da razão sobre a loucura, só se pode estabelecer sobre tal silêncio".

O final do século XVIII marca para Foucault uma ruptura, uma transformação definitiva na relação do homem com a loucura quando esta recebeu o estatuto de "doença mental".

A periodização proposta por Foucault, neste prefácio, visa fundamentalmente a identificar e analisar o contexto em que a "loucura se cala na calma de um saber que por conhecê-la demais esquece-a". Antes do século XVIII, "o debate do homem com a demência era dramático, pois confrontava-o com as forças surdas do mundo". O século XVIII é para Foucault o momento em que este diálogo foi rompido, separado, dilacerado.

Em sua conferência, Derrida admite que houve uma mudança de postura do homem com relação à loucura no final do século XVIII. Ele prefere, entretanto,

utilizar o termo "dissensão" ou dissidência. No seu entender, o que ocorreu foi uma divisão de si, interna, e não uma ruptura externa.

Derrida discorda de Foucault quanto ao caráter da mudança ocorrida no século XVIII, quando a psiquiatria teria estabelecido o monólogo da razão sobre a loucura. Derrida entende que Foucault "deixou na penumbra" uma análise mais criteriosa dos momentos anteriores.

Ele justifica sua opinião criticando duas passagens do prefácio: a primeira se refere a como Foucault analisa a maneira com que a loucura era vista sob a égide da dialética socrática. A segunda diz respeito à tradução que Foucault fez do conceito "loucura" e à sua adaptação à sociedade grega clássica.

- **"Dialética tranqüilizadora"**

Como vimos anteriormente, Foucault afirma que a relação entre loucura e razão na Antigüidade "não tinha contrário", apesar de seu discurso nos ter "sido transmitido já envolto na dialética tranqüilizadora de Sócrates".

Para Derrida, Foucault teria caído em uma trama traçada por ele próprio. Duas opções seriam possíveis: ou não existia "dialética socrática tranqüilizadora" na antigüidade e aí loucura e razão conviveriam harmoniosamente, vindo a cindir com o advento da razão no século XVIII, ou esta mesma dialética, apesar de ter sido "tranqüilizadora" na antigüidade grega, se impôs, e o que ocorreu no renascimento científico não passou de um desdobramento dos preceitos socráticos.

Apesar de pedir que lhe "permitam manter a distância disso", Derrida afirma que "aí está o fundo das coisas".

No seu entender, o discurso socrático não teria nada de "tranqüilizador". A razão estaria consumada, "tranqüilizada" e assentada há séculos na filosofia, antes mesmo do advento de Sócrates.

- **A tradução**

Voltando a analisar a maneira com que Foucault trata a relação do homem com a loucura na Grécia socrática, Derrida pergunta em sua conferência: Será que Foucault sabe o que significava ser louco na Grécia antiga? Ou, falando de uma outra maneira a mesma questão: Loucura, na acepção adotada por Foucault, em seu prefácio, encontra uma tradução na sociedade grega socrática? Para Derrida, este é um "problema de tradução, um problema filosófico de tradução".

A determinação da diferença de sentido entre o que a palavra "loucura" significa hoje e o que ela expressava na Antigüidade supõe, no seu entender, uma "passagem lingüística muito arriscada".

Para Derrida o significado do conceito "loucura" não é invariante, pois detém uma íntima relação com modificações históricas.

No seu entender, Foucault age como se fosse possível, segura, rigorosa e reconhecida uma definição nominal do conceito. Para Derrida, esta palavra deveria vir "entre aspas, como linguagem alheia, como um instrumento histórico". De uma maneira genérica, este conceito abrange tudo o que se pode classificar sob o título de negatividade.

Assim, a crítica de Derrida à periodização proposta concentra-se na maneira com que Foucault analisou a loucura na Grécia antiga. No seu entender, na Idade Clássica, "a livre circulação de loucos, além de não ser assim tão livre, seria apenas epifenômeno sócio-econômico na superfície de uma razão já

dividida contra ela mesma desde a madrugada de sua origem grega". A Era Antiga não guardaria, a este respeito, "nem especificidade, nem privilégio". Para Derrida, o corte, o momento de mudança de postura do homem em relação à loucura, é anterior à antigüidade clássica greco-romana. Situa-se portanto há milhares de anos antes do século XVIII.

POSTURA METODOLÓGICA

Como vimos anteriormente, Foucault define, no prefácio da primeira edição, o momento em que a loucura passou a ser encarcerada pela razão: o século XVIII. Até então a loucura não tinha o estatuto que passou a ter. Até então ela era encarada pelo homem de forma diferente. Não existiria distinção formal entre razão e loucura. Mais uma vez, Foucault lança uma crítica mordaz ao papel que a psiquiatria exerceu sobre a loucura. No seu entender, ela implementou uma estratégia de silenciamento.

Em certo trecho do prefácio Foucault associa a divisão entre razão e loucura à possibilidade de história. O silenciamento da loucura e seu enclausuramento dentro da ordem da razão teriam permitido que a história se constituísse. A estrutura da exclusão seria, assim, fundadora da historicidade.

Este é um primeiro grande ponto: Foucault identifica o momento em que a relação entre o homem e a loucura se transforma de modo radical: o século XVIII.

O estabelecimento desta divisão, deste "silêncio", não é, no seu entender, casual. Ela é parte de uma "estratégia da recusa". Para Foucault, o homem ocidental criou este mecanismo para estabelecer um lugar e um tempo para a loucura. Assim, ele preservou-se e diferenciou-se dela. Esta postura levou o homem ocidental a denunciar uma "palavra como não sendo linguagem, um

gesto como não sendo obra e uma figura como não tendo o direito de ocupar um lugar na história". Com isso o louco e a loucura teriam sido excluídos de qualquer estatuto histórico próprio, garantindo a soberania da razão.

A "estratégia da recusa" explicaria por que "não pode haver, em nossa cultura, razão sem loucura". Para o autor, a loucura foi encarcerada pelo império da razão possibilitando seu predomínio. Este momento de inflexão se expressa com a criação das primeiras casas de internação para loucos, no século XVIII. A partir de então, o conhecimento racional tomou a loucura, reduziu-a, desarmou-a e "emprestou-lhe o frágil estatuto de acidente patológico".

Para Foucault, esta "estratégia da recusa" não deve criar, entretanto, qualquer "indício de depreciação" para quem pretenda fazer uma *História da Loucura*. Ao contrário, esta estratégia de silenciamento é recorrente na História. Para o autor, "a História só é possível sobre um fundo de uma ausência de História, ausência de obra". No seu entender, uma história só se afirma com o silenciamento de outra. Assim, a História da Razão só teve condições de viabilizar-se com o silenciamento da *História da Loucura*.

Neste prefácio, o autor afirma que o objetivo deste livro é analisar os mecanismos de estabelecimento desta "estrutura da recusa". Ele se propõe — "fazer uma história desta linguagem", uma "arqueologia deste silêncio", quando a loucura foi encarcerada e silenciada pela razão.

Ele visa a "fazer um estudo estrutural do conjunto histérico — noções, instituições, medidas jurídicas e policiais, conceitos científicos" que definiram a loucura.

Em certo momento do prefácio o autor se interroga: Em que área do conhecimento científico deveria se inserir este tipo de investigação?

No seu entender, este trabalho não se localizaria nem na "História do conhecimento, nem na História pura e simples, nem na teleologia da verdade, nem no encadeamento racional das causas".

Seu estudo estaria situado em "uma região, sem dúvida, onde se trataria mais dos limites que da identidade de uma cultura". Foucault se propõe fazer uma "História dos limites: destes gestos obscuros, pelos quais uma cultura rejeita alguma coisa que será para ela o exterior". Nesta região, a cultura faz suas escolhas essenciais, estabelecendo os critérios que constituem a imagem de sua positividade.

E como delimitar este objeto?

Esta "História dos limites" deve "remontar até a decisão que une e separa, ao mesmo tempo, razão e loucura". Deve tender a descobrir "a obscura raiz comum, o confronto originário que deu sentido tanto à unidade quanto à oposição do sentido" entre Razão e Loucura.

- **Postura Metodológica**

Para realizar tal objetivo o pesquisador deve assumir uma nova postura metodológica. É necessário que ele, por um lado, procure apreender a loucura em sua "vivacidade, antes de qualquer captura pelo saber". Ele tem, ainda, que ter os ouvidos apurados para escutar a "pureza primitiva da loucura", curvando-se para esse "resmungo do mundo", tentando perceber "as imagens que nunca foram poesia". A meta de Foucault é realizar uma "arqueologia deste silêncio".

Para tanto há que "renunciar ao conforto das verdades confirmadas, e nunca se deixar guiar pelo que pode saber sobre loucura". Deve-se ainda "falar deste

debate primitivo sem supor vitória". Sua crítica se dirigia a tudo que a psicopatologia já havia dito sobre o tema.

- **O ponto de vista de Derrida**

Mais uma vez Derrida inicia suas críticas de forma amena, respeitando o peso da obra e a importância que o autor tinha para ele. Ele se propõe a fazer "certas pressuposições filosóficas e metodológicas" e diz: "*Certas* somente, porque o empreendimento de Foucault é rico demais, sinaliza em direções demais para se deixar preceder por um método ou mesmo por uma filosofia, no sentido tradicional da palavra". Ele não encerra, entretanto, suas críticas no mesmo tom cordial.

Segundo Derrida, Foucault quis que a loucura fosse o sujeito de seu livro. Sujeito em todos os sentidos da palavra: tema, autor e sujeito falante. A loucura deveria falar de si mesma. Deveria ser evitada a "linguagem policiada e policial da razão que apanha e paralisa a loucura na armadilha de suas redes".

Neste ponto reside o que há de mais "audacioso e sedutor nesta tentativa", mas representa "também a impossibilidade mesma de seu livro". Derrida complementa sua opinião afirmando: "Este aspecto é também, digo-o sem trocadilho, o que há de mais *louco* em seu projeto."

Para ele, esta "vontade de contornar a razão" exprime-se de algumas maneiras "dificilmente conciliáveis a um primeiro exame".

Derrida dirige sua critica a Foucault apresentando três argumentos:

Em primeiro lugar ele se pergunta: "Uma arqueologia, mesmo que fosse do silêncio, não traz consigo uma lógica?" No seu entender sim. Ou ainda: "Qual deverá ser o estatuto da linguagem desta arqueologia que deve ser ouvida por

uma razão que não é razão clássica?" Esta outra pergunta traz para Derrida uma outra resposta: Este estatuto não existe! Toda linguagem tem origem em uma razão que lhe dá sentido e significado. Para ele "o veredicto e a instrução reiteram incessantemente o crime pelo simples fato de sua locução. A ordem é denunciada na ordem".

Em segundo lugar, Derrida identifica a "completa impossibilidade na realização desta obra". No seu entender "toda a nossa cultura européia participou de perto ou de longe da aventura da razão ocidental" que capturou e objetivou a loucura. "Nada desta linguagem, nem ninguém entre os que a falam, pode escapar à culpabilidade histórica." Derrida duvida inclusive que exista apenas uma "estratégia de recusa" contra a qual Foucault deva se insurgir.

Finalmente Derrida demonstra que não há como analisar algo sem se inserir em uma ordem explicativa qualquer. O silêncio, por exemplo, só poderá ser determinado numa linguagem. Esta ordem evitará que ele seja contaminado por um mutismo qualquer, que carrega outra lógica. Além disso, os "porta-vozes dos loucos estão inseridos no lado da ordem, mesmo se na ordem lutem contra a ordem e questionem sua origem". A ordem para Derrida constitui uma "grandeza insuperável, insubstituível, imperial" contra a qual não "podemos apelar senão a ela mesma. Só nela podemos protestar contra ela". Ele conclui esta reflexão afirmando: "Não se pode, sem dúvida, escrever uma História ou uma Arqueologia contra a razão, pois apesar das aparências o conceito de História sempre foi um conceito racional."

Do ponto de vista metodológico Foucault parte de um princípio historiográfico, apresenta sua proposta de trabalho e expõe suas potencialidades e limitações.

- **A autocrítica**

Foucault, em certa passagem do prefácio da primeira edição, faz uma autocrítica. Ele afirma que a "loucura não pode ser apreendida em seu estado selvagem, pois o mundo já a capturou".

O próprio autor identifica a dificuldade para empreender esta proposta metodológica. Ele admite que não há condição de se atingir esta "pureza primitiva". Não há como falar da loucura sem partir do movimento que permite aos homens não serem loucos.

No prefácio o próprio Foucault afirma que para realizar plenamente a metodologia desejada seria "necessário fazer aflorar à superfície da linguagem da razão uma divisão e um debate que permanecem necessariamente aquém". Para que esta proposta se viabilizasse, a linguagem utilizada deveria estar livre de terminologia científica. Assim ela poderia chegar o mais perto possível destas "palavras primitivamente embaraçadas". Com isso, esta distância que protege o homem moderno da loucura poderia ser abolida. Para ele a linguagem da loucura, em "seu estado selvagem, não pode nunca ser recuperada em si mesma".

Foucault assume neste prefácio que sua proposta metodológica é "duplamente impossível". Por um lado, o pesquisador teria que "reconstituir a poeira destas dores e palavras concretas". Esta reconstituição não é viável, pois estas palavras só se tornam legíveis através da voz da razão. Por outro lado, a palavra materializa o "gesto da divisão" que separa razão de loucura, a denuncia e domina.

Conclui afirmando: "A liberdade da loucura só se ouve do alto da fortaleza que a mantém prisioneira." Esta "fortaleza" é a palavra. A palavra escrita foi o principal veículo que a razão utilizou para encarcerar, dominar e subjugar a

loucura à suas ordens. Ela denuncia o que é ser louco, dominando suas atitudes e definindo suas patologias.

Na verdade, Foucault se propõe fazer um tipo de investigação que ele mesmo considera impossível. Esta explicitação inviabilizaria toda a sua obra?

- **A crítica à autocrítica**

No entender de Derrida, o fato de Foucault admitir a impossibilidade de seu investimento demonstra que ele tem "uma consciência aguda" da dificuldade deste projeto. Além disso, Foucault sente "uma necessidade de falar que escapa ao projeto objetivista da razão clássica". Por este motivo, Derrida diz que ele paga "o preço de uma guerra declarada da razão contra si mesma". A intenção de construir uma "arqueologia do silêncio" foi considerada, por Derrida, "purista, intransigente, não-violenta e não-dialética". O tom amigável do início da crítica torna-se aos poucos árido e ácido.

Ele identifica uma contradição fundadora no prefácio da obra de Foucault. Se o próprio autor considera que a realização deste empreendimento é impossível dentro dos marcos metodológicos propostos, Derrida pergunta: Como admitir que Foucault tenha escrito um livro sobre o tema? Ele aprofunda sua crítica perguntando: Se era duplamente impossível "se curvar para esse resmungo do mundo" e "reconstituir a poeira destas dores e palavras concretas", como aceitar que Foucault tenha estabelecido uma periodização para a *História da Loucura*?

Para Derrida, esta obra só é possível se concebermos que, na verdade, Foucault se lançou a um *outro* projeto neste livro. Um projeto que coloca problemas diferentes e ao mesmo tempo "contradiz o da arqueologia do silêncio".

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como analisamos anteriormente, Derrida não discorda que tenha ocorrido uma mudança na relação entre o homem e a loucura no século XVIII. Para ele este problema é de uma "dificuldade infinita, que povoa o livro de Foucault, mais presente em sua intenção que de fato".

Foucault entende que a criação das primeiras casas de internação para loucos, em meados do século XVIII, exemplificaria uma mudança radical de postura. Para Derrida a natureza desta evidência não fica clara ao longo do livro. Este acontecimento é visto por Derrida como um "signo entre outros, um sintoma fundamental ou uma causa". Para Derrida a vitória da razão do século XVIII não teria sido nem a primeira, nem a única, nem a última.

Derrida também concorda com Foucault quando este associa a constituição de dissensão. Na sua opinião, não seria necessário sublinhar o que a História é: uma estrutura de exclusão. Deve-se-ia dar destaque à especificidade própria de cada uma destas estruturas, pois elas se modificam e se distinguem historicamente umas das outras, de qualquer outra.

Neste prefácio, Foucault não só apresenta sua proposta de trabalho como também procura situá-la em um campo do conhecimento científico. Ele busca definir as funções de um pesquisador que pretenda assumir esta empreitada. Finalmente, o autor prevê uma virtual limitação para a plena realização desta proposta.

Quando Foucault assume a impossibilidade de realizar este empreendimento, seguindo a referida perspectiva metodológica, propõe que seja adotada uma "relatividade sem recurso".

A este respeito Derrida se pergunta: Sobre o que se apoiaria esta "relatividade sem recurso"? Divergindo frontalmente do que Foucault apresenta ao longo do prefácio, Derrida entende que "audácia do gesto de pensamento na *História da Loucura*" só foi possível quando a psiquiatria se abriu, "fraturando a unidade do conceito de loucura como desrazão". Para Derrida, Foucault não reconheceu este caráter de pré-requisito metodológico ou filosófico exercido pela psiquiatria. Ao contrário, para Foucault, a psiquiatria encetou uma "estratégia de recusa" que silenciou a loucura, garantindo a soberania da razão.

E como Foucault responde às criticas feitas por Derrida? Silenciando-se. No apêndice da segunda edição — "Meu corpo, este papel este fogo" —, Foucault disseca um a um os argumentos apresentados por Derrida acerca da polêmica sobre a interpretação dada às *Meditações* de Descartes. Sobre as críticas feitas a trechos do prefácio da primeira edição não há palavra.

A pergunta que motivou este trabalho se mantém: Por que razão Foucault teria retirado o prefácio da primeira edição da *História da Loucura* das versões seguintes? Derrida, seu ex-aluno, dirigiu-lhe críticas ásperas envoltas por uma cordialidade formal. Foucault não as respondeu, pelo menos na réplica, publicada em um apêndice.

Estas atitudes surpreendentes incitam nossa imaginação. O silêncio diante da polêmica acadêmica é sinal de concordância? Para nós é difícil conceber um gesto de autocastração vindo de quem veio.

Se a calma dominar nosso espírito poderíamos considerar que Foucault respondeu a Derrida no próprio prefácio da primeira edição quando assumiu a impossibilidade de sua obra. Mas a pergunta permanece: Por que razão Foucault não manteve a mesma postura metódica e criteriosa na réplica às

críticas feitas a trechos do prefácio como o fez em relação à análise da questão das *Meditações* de Descartes? Ou mesmo: Por que razão não manteve o prefácio da primeira edição, apesar de ter sido objeto de críticas de Derrida?

Nota: A tradução dos textos originais em francês foi feita por Lais Eleonora Villanova.

Bibliografia

Derrida, M. "Cogito e a História da Loucura"; Conferência transcrita em *L'Ecriture et la Difference*, Seuil, Paris, 1967.

Foucault, M. "Meu corpo, este papel, este fogo" *in História da Loucura na Idade Clássica*, apêndice, pp. 583-603, Paris, Gallimard, 1972.

Foucault, M. "Prefácio" *in História da Loucura na Idade Clássica*, Paris, Gallimard, 1960.

Foucault, M. "Prefácio" *in História da Loucura na Idade Clássica*, pp. VII/VIII, São Paulo, Editora Perspectiva, 1991.

TEXTOS PUBLICADOS
— 1993 —

TEXTOS PUBLICADOS
— 1994 —